

A tridimensionalidade da formação da identidade paterna revisitada¹.

Hulda Stadtler² e Janaína Lima de Freitas, Giovanna Karla de Araújo Silva e Ana Paula Silva³

Resumo

*O desenvolvimento dessa pesquisa envolve procedimentos, como questionários e entrevistas, para revelar a temática escolhida. Aqueles que estudam processos de formação de identidade sabem a grande complexidade que os envolvem. Identidade paterna nos leva a correlacionar e controlar um número elevado de variáveis envolvidas em sua formação. Deve parecer redundante dizer **formação de identidade paterna nos homens**, mas certamente após compreenderem as primeiras conclusões que alcançamos, torna-se claro dizer que no sentido complexo que percebemos a concepção de paternidade, mulheres podem exercer este papel. Nesse caso particular entendemos que a identidade que buscamos avaliar resulta de uma conjunção de interações objetivas e subjetivas.*

Antes até de apresentarmos os resultados da pesquisa propriamente dita, devemos recordar a difícil tarefa de apresentar este tema para um grupo interessado em teorias psicanalíticas. Inicialmente, então, não podemos nos furtar de dizer que *Totem e Tabu* e outros trabalhos (Freud, 1913) e sua relação com a cultura ocidental e a influência judaico-cristã, parece o texto adequado para pontuar nessa ocasião. Recordemos que em *Totem e Tabu* encontram-se: a construção teórica da gênese das estruturas responsáveis pela repressão e pela cultura; uma reflexão sobre a natureza e a origem do totemismo e da exogamia; a identificação entre as origens do neurótico (realidade psíquica) e o homem primitivo (tempo mítico); uma reflexão sobre como ontogênese reproduz filogênese, em outras palavras, como o psiquismo individual reproduz no plano simbólico o da espécie nas bases da geração de cultura; os rituais totêmicos (repasto) e a introjeção da figura paterna do provedor/interventor; e por fim, a atitude ambivalente de amor e ódio, morte e culpa alimentada por uma religião expiatória que reforça a consciência da culpa e do remorso (o retorno do recalçado).

É assim, com receio da pouca profundidade, que introduzo a discussão complexa do tema paternidade, com temor de reduzir

o coletivo a uma vivência grupal do inconsciente individual (inconsciente coletivo).

Essa pesquisa simples, não dá conta das reflexões profundas sugeridas pelos temas em debate em *Totem e Tabu*. Contudo, temos tentado compreender algumas das conseqüências geradas pelas crenças ocidentais criando padrões imutáveis para a espécie humana, e nesse caso, especificamente a vivência da paternidade e a concepção de relações de gênero que nela se estabelece.

A pesquisa começou por tentar responder algumas das inúmeras perguntas sobre a formação da identidade de pai em nosso meio: Quem precisa de um pai? Quem é mesmo esse personagem? Qual sua origem e como se mantém inalterada entre nós? Qual sua participação na vida das crias? Seria ela sustentada apenas por um padrão cultural cheio de autoridade moral? Social ou natural? Seria herdada filogeneticamente? Natureza da qual não poderemos nunca nos livrar? Na ausência desse pai concreto como está estrutura (arquétipo) sobreviveria? E de um pai ruim, que quebra o padrão esperado? Quem tem um pai presente e exemplar está menos sujeito a desestruturações morais e psíquicas ou conduta obsessiva?

¹ Pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Família, Gênero e Desenvolvimento Humano/ UFAL e aprovada pelo CNPq para PIBIC. Apresentada na QUINTA-CULTURAL em junho/2002.

² Psicóloga e PhD em Antropologia – Professora no Departamento de Educação da UFRPE.

³ Bolsistas do PIBIC do curso de Psicologia da UFAL.

Não foi possível tocar em todos esses pontos na exposição, por isso trataremos aqui do que apresentamos ao grupo por ocasião de nosso convite.

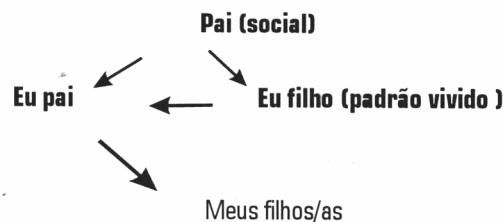
Os dados e a própria condição masculina frente a paternidade nos chamou tanto a atenção que nos voltamos para construir o projeto de uma intervenção educativa na área de educação de gênero (clínica social). Esse campo atinge sistema e planejamento familiar, gravidez indesejada, parto e aborto, violência de gênero, políticas públicas etc.

Nos discursos masculinos encontramos uma forte ênfase em: a) sentimentos de frustração e culpa pelo distanciamento entre expectativas conjugais e paternas e comportamento real; b) profundas contradições em seus discursos de provedor; c) inúmeras frustrações ao perseguir o sonho do provedor infalível gerando sentimentos de culpa em relação a sua auto-imagem e a prole; d) a ausência de domínio econômico gerando violência ou abandono daquela condição familiar; e) ausência de interrelação entre paternidade e auto-estima, maturidade e saúde, mesmo depois de pai os homens modificam pouco os seus cuidados nessas áreas; f) pressão feminina sobre o ideal de provedor e protetor; g) ausência de escolha consciente em relação a companheira (mãe) e desequilíbrio financeiro, educacional e de ideais; h) busca de nova relação onde haja resgate da auto-imagem e do padrão socialmente aceito para o papel masculino; i) reencontro com a paternidade através do desempenho do papel de avô em lugar de pai muitas vezes associado a paternidade em um novo relacionamento; j) novas idéias sobre relação de gênero; l) retorno de princípios religiosos fundamentalistas alterando a concepção de paternidade e resgatando os padrões de provedor sob menor pressão que na juventude (modelo patriarcal de pai provedor). Fomos obrigadas a concluir a partir dessas observações que, além de menos significativa, a paternidade é danosa para pais e crias no modelo que detectamos através das entrevistas.

Educação de gênero e clínica social seriam a meta, mas como realizar a intervenção, pois outra característica masculina é rejeitar sentar-se no banco de análise. Criar discursos só orais ou escritos não traria muita eficácia. O desmanche do modelo estrutural por trás dos discursos masculinos e a legitimação social dos mesmos em pouco parece contribuir.

Os homens continuam a se afirmarem provedores e interditores morais em suas relações com as crias e companheiras, posição tensa e questionável, mas buscada com forte empenho.

A mais fundamental dificuldade que se nos apresentou em seus discursos, porém, foi de não se colocarem como pai na primeira pessoa do singular (*eu pai*). Quase sempre usam um *nós* para fazer referência a si mesmos nessa identidade singular. Assim, ser pai nos pareceu condição coletiva na mente masculina, pois se encontra fundada em uma estrutura tridimensional como apontam as teorias estruturais: a) o pai esperado pela coletividade ocidental (social), b) o próprio entrevistado enquanto representante particular desse pai (auto-imagem) e, c) o entrevistado enquanto representante e resultado de uma relação com seu próprio pai (modelo de pai que teve). A estrutura que se nos descortina da análise dos discursos aponta ênfase na pressão social e na existência biológica da criança:



A formação da identidade de pai vista assim está constituída pelos elementos acima. Contudo, ousou argumentar que essa construção pode ser minada e transformada em algo

A tridimensionalidade da formação da identidade paterna revisitada

melhor de se experimentar desde que introduzamos nessa estrutura outros elementos que rompem com seu modelo patriarcal e patrilinear. Foram os próprios entrevistados quem nos indicaram esses elementos que, por sua vez, são desencadeadores de uma nova experiência nas relações de gênero.

Roger Bastide (1978), abandonando as teorias freudianas nos adverte, que o Complexo de Édipo é um conjunto de atitudes e relações assumidas e não uma estrutura inconsciente original e imutável, distinta do meio que a criou. Essa sugestão nos aproxima de um estruturalismo que privilegia as relações e não as personagens fixas que reproduzem estas relações.

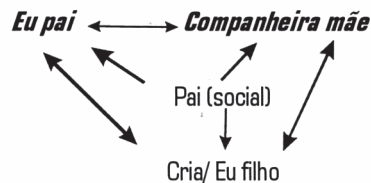
Tomar a estrutura como fixa levou Freud (*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, 1905 e *Totem e Tabu*, 1913) e outros ao equívoco de confundir forma e conteúdo. A forma pode até ser fixa, mas o conteúdo do discurso é mutável assim como as relações entre elementos que compõem a estrutura. Isto equivale a dizer, em uma primeira conclusão, que as estruturas são mantidas pela imutabilidade de certos tipos de interrelações. No caso de nossa sociedade patriarcal, o espaço ocupado pelos homens e mulheres nas relações de gênero como as que envolvem paternidade. Neste caso, trabalhando para mudar as relações devemos obter mudanças originais na estrutura, o que constitui nossa proposta de educar para novas relações de gênero.

Tomemos um exemplo de mudança sem essa educação. Tendo em nossa sociedade havido algumas mudanças na condição econômica das mulheres, um contexto diferente foi gerado para o exercício da paternidade. Contudo, a identidade de provedor ou interventor moral não se alterou nos discursos masculinos ainda que reconheçam que muitas mulheres são as reais provedoras da casa. A questão parece estar no fato de que em nossa sociedade patriarcal os elementos que compõem a estrutura tridimensional no imaginário masculino de sua identidade paterna, parecem eliminar a presença de relações de gênero, básica na criação de filhos/as assim como manter

discursos fundamentalistas. Em outras palavras, a presença da companheira de outro sexo é desconsiderada na auto-análise. A identidade paterna é pensada em função de elementos masculinos: Pai (social), Eu-pai e Eu-filho, como na trindade cristã. O discurso é formado a partir de uma única fonte. Como resultado temos mantido o mesmo modelo falido de paternidade. O mesmo tipo de exemplo podemos observar na obrigação legal conseguida pelas mulheres para a manutenção dos/as filhos/as, os homens não suportam a idéia de estarem indiretamente favorecendo a quem não consideram. Não tiro a responsabilidade das mulheres, pois criam os filhos no mesmo padrão, se excluindo da formação de identidade de gênero desses filhos. Exemplos claros dessa má formação encontramos entre jovens pais que se converteram a alguma religião fundamentalista. Essa experiência reformula sua relação com o Deus-Pai (social/moral) e os tornam cumpridores do dever. Ainda que tenham mães que exerciam o governo sócio-econômico no lar não mudaram sua conduta até a conversão, reintroduzindo o mesmo elemento masculino em seu mundo e desconsiderando o social como um campo relacional e afetivo que inclui a relação de gênero.

Em nossas observações, porém, considerando gênero como um de nossos vetores de análise, reconhecemos um exercício de paternidade mais tranqüila sempre que os homens se apresentavam dispostos a considerar um novo elemento na avaliação de seu desempenho de pai: a presença de uma companheira amada, a mãe de seus/suas filhos/as. Embora sendo a existência de uma criança que acorda no homem a sua condição de pai, a paternidade parece mais bem vivida na consideração interdependente da companheira, podendo mesmo alguns homens ser mais presentes quando eliminam a mãe elemento que consideram prejudicial na sua relação com as crias. Comprovadamente em homens mais velhos a presença positiva desse novo elemento de gênero tornou-os, mais cedo que nos demais homens entrevistados, pais mais próximos do desempenho que obtivemos entre os avós. O modelo identitário se transformou e tornou-se socialmente aceito pela tolerância coletiva com a idade

e a imutabilidade produtiva e não por questões estruturais. Os homens que chegam a compreensão da importância da companhia no desenvolvimento de uma experiência saudável na criação dos filhos/as, relaxam a pressão do perfeccionismo do provedor ausente e possuem outro modelo identitário:



Certamente essa estrutura é mais complexa e tem o social em seu centro, mas este social agora é interrelacional/coletivo. Encontramos razão para continuarmos o enfoque sobre a figura masculina, nas constantes conclusões que retiramos dos dados da pesquisa de que o homem está ainda muito ausente da criação de crianças, da clareza com que vimos filhos/as queixarem-se dessa ausência e da nossa impressão de que os homens ainda não estão cientes de sua própria insatisfação ao permanecer longe de seus ideais, inclusive paternos e de tratar a provisão de modo menos expiatório. Isto porque consideramos que os homens têm sido conduzidos a mudanças no desempenho da(s) masculinidade(s) sem, entretanto, estarem educados para tal.

Referências bibliográficas

- Butler, J. (1990). *Gender Trouble. Feminism and The Subversion of Identity*. London: Routledge.
- Carvalho, L.A. (1989). *Reflexões sobre o Pai: Um estudo sobre a construção da paternidade na história de vida e no desenvolvimento*

do sujeito. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia – USP, São Paulo.

Freud, S. (1974) *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.7. Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1905).

Freud, S. (1974) *Totem e Tabu*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.13. Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1913).

Maciel, A.A. (1994). *Ser/Estar Pai: Uma figura de identidade*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Saúde Pública – USP, São Paulo.

Malpique, C. (1984/1990). *A Ausência do Pai*. Porto: Afrontamento.

Matos, D.M.S. (1995). *Experiência de Ser Pai de uma Mulher*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia – USP, São Paulo.

Trindade, Z.A. (1993) As Representações Sociais e o Cotidiano: A questão da maternidade e da paternidade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9, n.3, 535-46.

Trindade, Z.A. (1991) *As Representações Sociais da Paternidade e da Maternidade: Implicações no processo de aconselhamento genético*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia - USP, São Paulo.